

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA E A LITERATURA INFANTIL NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Sueli Futerko Santiago¹
Gilmara Lupion Moreno²

RESUMO:

A Lei 10639/2003 estabelece o ensino da História da África e da Cultura afro-brasileira nos sistemas de ensino, visando o reconhecimento da importância da questão do combate ao preconceito, discriminação e ao racismo. Logo, cabe a escola como parte integrante da sociedade, comprometer-se com a mudança, pois possui um papel fundamental na desmistificação das situações de racismo, preconceito e discriminação, interiorizados nos grupos sociais e nas pessoas individualmente. Desse modo, elencou-se como objetivo geral pesquisar sobre como trabalhar a cultura afro-brasileira por meio da literatura infantil na sala de aula no ensino fundamental II. Os objetivos específicos consistiram em trabalhar com os alunos a cultura afro-brasileira a partir da literatura infanto-juvenil; e indicar algumas possibilidades de atividades e ações pedagógicas que envolvem a cultura afro-brasileira a serem desenvolvidas no âmbito escolar. Quanto à metodologia, o trabalho em questão realizou-se por meio da elaboração e implementação do projeto de intervenção pedagógica na escola, participaram das ações e atividades didático-pedagógicas, os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, do período vespertino do CE Polivalente de Apucarana - EFM, localizado no município de Apucarana-PR. No que se refere aos resultados constatou-se que o trabalho com a Lei 10.639 na sala de aula torna-se viável e a literatura é um meio de apresentar aos alunos a proposta da igualdade racial de modo a estabelecer no sujeito a construção de sua identidade.

Palavras-chaves: Literatura; cultura afro-brasileira; igualdade racial; ensino fundamenta II.

Introdução

A Lei 10639/2003 estabelece o ensino da História da África e da Cultura afro-brasileira nos sistemas de ensino, visando o reconhecimento da importância da questão do combate ao preconceito, ao racismo e à discriminação na agenda brasileira de redução das desigualdades, o que foi um avanço para nosso país. Portanto, a escola como parte integrante da sociedade, deve comprometer-se com a mudança, pois possui um papel fundamental na desmistificação das situações de racismo, preconceito e discriminação, interiorizados nos grupos sociais e nas pessoas individualmente.

¹ Professora da rede pública de educação do Estado do Paraná. Licenciatura em Letras: Português-Inglês e aluna do PDE 2016 na Universidade Estadual de Londrina.

² Orientadora - Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo-USP. Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina.

Desse modo, nada mais justo que a implementação da Lei 10639/03, do ensino da História da África e da Cultura afro-brasileira, seja aplicada com seriedade em nossas escolas, para que não acabe como muitas outras leis, ficando só no papel. Muitos professores já trabalham o tema em suas aulas, porém acabam sendo chamados de idealizadores, tendo que romper muitas barreiras e rejeições. Para que se efetive um real avanço da Lei 10639/03, é necessário que seja investido em capacitação dos educadores e gestores da educação, que muitas vezes por falta de preparo e desconhecimento, não sabem tratar da diversidade cultural e da importância de estudarmos a história de um povo, que foi e é, tão importante para nossa identidade nacional.

A literatura é uma arte que seduz e encanta com suas histórias, partindo desse pressuposto, o encantamento e o conhecimento adquiridos fazem com que o leitor reflita e tire sua própria conclusão, por isso a escolha do gênero literário. Assim, o objetivo de estudo desse trabalho será a apresentação da História e Cultura Afro-brasileira, por meio da Literatura infanto-juvenil e a desconstrução de estereótipos apresentados nas obras clássicas da nossa literatura que reforçam e perpetuam atribuição de aspectos negativos à imagem do negro, que se dá não pela presença negativa de um estereótipo, mas pela ausência (quase absoluta) da imagem do negro, ou seja, na medida em que a afirmação de um modelo sugere, subjetivamente, a negação do outro.

As histórias infantis fazem parte do imaginário coletivo de uma sociedade com características profundamente racistas. Sendo que este racismo se manifesta, ainda que de forma velada, em todas as esferas sociais, inclusive na escola. Daí o interesse pela temática, conseqüentemente a possibilidade de trabalhar a cultura afro-brasileira por meio da literatura infantil.

No que diz respeito ao ensino da História da África e da Cultura afro-brasileira, cabe à escola mostrar aos alunos que práticas discriminatórias ferem o princípio de direito à dignidade humana. No caso da pessoa negra, como afirmar esse direito, se ela vive cotidianamente situações que confrontam sua humanidade e sua dignidade? A ausência de direitos ou sua fragilidade para alunos (as) negros (as), coloca como questão central a necessidade de políticas de ação afirmativa como uma questão de reparação e de direito, de cidadania e de democracia em território brasileiro. Portanto, elegemos como questão norteadora: Como trabalhar a

cultura afro-brasileira por meio da literatura infantil na sala de aula no ensino fundamental II?

Acredita-se que por meio da literatura infanto-juvenil possa-se realizar um trabalho com a leitura de livros que tragam como tese, a igualdade racial de modo a estabelecer no sujeito a construção de sua identidade. Resgatando historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira, promovendo uma consciência cultural mais igualitária, para vencer o preconceito racial.

Quanto aos objetivos, elegeu-se como objetivo geral pesquisar sobre como trabalhar a cultura afro-brasileira por meio da literatura infantil na sala de aula no ensino fundamental II. Já, os objetivos específicos foram: trabalhar com os alunos a cultura afro-brasileira a partir da literatura infanto-juvenil; e indicar algumas possibilidades de atividades e ações pedagógicas que envolvem a cultura afro-brasileira a serem desenvolvidas no âmbito escolar.

Com relação à metodologia, o projeto de intervenção pedagógica na escola realizou-se com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, do período vespertino do Colégio Estadual Polivalente de Apucarana - EFM, localizado no município de Apucarana-PR. A aplicação do projeto deu-se a partir do caderno temático tendo a literatura infanto-juvenil, como suporte para o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira. Valorizando suas riquezas, com abordagens significativas, mas com o devido cuidado para não reproduzir estereótipos e valores eurocêntricos e também para tratar da diversidade cultural e da importância de estudarmos a história de um povo, que foi e é tão importante para nossa identidade nacional.

Dentre os objetivos propostos, foram abordados com os alunos os conceitos de racismo, preconceito e discriminação, uma vez que o racismo está presente em nossa sociedade e para se ver livre dele temos que tomar uma posição. Reconhecer as diferenças implica romper com preconceitos, superar opiniões pré-estabelecidas e a escola é um local de extrema importância para essa ruptura e a discussão sobre a diversidade cultural precisa estar presente no espaço escolar proporcionando as relações humanas.

Desse modo, o trabalho está organizado em dois momentos: o primeiro traz a contribuição de diferentes autores sobre a temática em questão; e o segundo o relato da produção didático-pedagógico que teve por finalidade proporcionar aos

alunos o conhecimento de uma literatura que apresente histórias e personagens de uma cultura que não é comum ser trabalhada em sala de aula, a cultura afro-brasileira, abordando saberes históricos e culturais africanos através da literatura infantil.

1. A Lei 10.639/03 e a Representação do negro na literatura infantil

A população afrodescendente do Brasil deveria orgulhar-se pela sua origem e pela contribuição de seus antepassados, que aqui chegaram trazendo a história e a cultura africana. Mas, orgulhar-se do que? Se a criança desde pequena, seja em sua família, no convívio social ou na escola, já se depara com a discriminação, de sua cor, do seu cabelo, e nos livros didáticos a representação do negro sendo punido e açoitado, entre outros.

O Brasil possui a maior nação de afro descendentes do mundo, nação essa marcada pelo fator histórico da discriminação racial, fruto de uma ideologia, que impediu por muito tempo, o reconhecimento da existência da discriminação racial. Reconhecimento esse, que se dá muito lentamente pelos governantes e determinados grupos da sociedade civil.

O brasileiro é um povo mestiço, com traços fenótipos variados, como cabelo, formato dos lábios, entre outros, porém a estética e cultura eurocêntrica impera em nosso país e nesse contexto também está a literatura. Por trás de tudo isso, existe um poder ideológico para desfavorecer a população negra.

A Lei 10639/2003, que estabelece o ensino da História da África e da Cultura afro-brasileira nos sistemas de ensino, foi uma das primeiras leis assinadas pelo Presidente Lula.

Em março de 2008, foi aprovada a Lei nº 11.645, a qual torna obrigatória a todos os estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Parágrafo 1º – O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos

negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

Parágrafo 2º – Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (BRASIL, 2008).

De acordo com as orientações para a aplicação da Lei nº 11.645 nos Estabelecimentos de Ensino do Paraná, o Processo nº 880/2006, delibera Normas Complementares às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Ao tratar da História da África e da presença do negro (pretos e pardos) no Brasil, devem os professores fazer abordagens positivas, sempre na perspectiva de contribuir para que o aluno negro descendente mire-se positivamente, quer pela valorização da história de seu povo, da cultura de matriz africana, da contribuição para o país e para a humanidade (PARANÁ, 2006).

O processo educacional, enquanto formação humana, é um campo estratégico para a discussão e implementação de propostas que visam oferecer à sociedade o conhecimento da diversidade cultural e étnica. Pois, uma das formas para discriminar um grupo dentro da sociedade é silenciá-lo, velá-lo, tornando-o invisível. Isso só faz com que aumente o desconhecimento e estimule o preconceito. A escola possuiu um papel fundamental na desmistificação das situações de racismo, preconceito e discriminação, interiorizados nos grupos sociais e nas pessoas individualmente.

Para Munanga (2011), no imaginário coletivo de muitos, os negros de hoje são vistos apenas como consequência e resultado de uma história, desse modo, não podemos apenas fazer uma análise da estrutura racista da sociedade brasileira atual sem colocar o negro numa dinâmica histórica na qual ele foi objeto de desumanização, de humilhações, de negação de identidade genérica e específica, enfim uma série de violências físicas e simbólicas, e também sujeito de resistência para defesa de sua liberdade dignidade humanas em todos os sentidos. Como sujeito da história positiva do Brasil, esse negro coletivamente contribui na construção da economia do país, no povoamento do território brasileiro e na

construção de sua identidade nacional.

O racismo é tão profundamente radicado no tecido social e na cultura de nossa sociedade que todo repensar da cidadania precisa incorporar os desafios sistemáticos à prática do racismo. Neste sentido, a discussão sobre os direitos sociais ou coletivos no sistema legal e por extensão no sistema escolar é importantíssima. Por isso o espírito da Lei 10.639/03 visa justamente a construção de uma pedagogia multicultural e antirracista (MUNANGA, 2011, p. 66).

Como então desconstruir essa imagem negativa da África e do negro herdada historicamente e reconstruir uma nova imagem de representação positiva? Existem obras extremamente relevantes, apesar de poucas quantitativamente são de grande importância qualitativamente, principalmente por ter mais obras de caráter positivo, que falam de coisas diversas e que possibilitam uma inserção na temática a partir da leitura desses livros, ajudando na construção da identidade, cidadania e respeito às diferenças desses alunos.

A imagem da África também precisa ser revista. A ideia predominante de que o continente africano é um país, que de um lado, estão as selvas e do outro os negros doentes e famintos, obviamente, elimina a possibilidade dos afrodescendentes se identificarem com a sua origem.

Mas, em relação à História da África imaginamos selva, deserto e tribos selvagens perdidas nas selvas. Estas imagens ficam ainda mais evidentes dentro de nossas Escolas, onde livros didáticos trazem textos e/ou imagens que inferiorizam e discriminam o negro, mantendo estereótipos de inferioridade e submissão perante os brancos, onde bibliotecas não contemplam em seu acervo obras literárias africanas e/ou com temática africana (SILVA; MARTINS, 2012, p.05).

Por tudo isso é fundamental o papel da escola em apresentar uma imagem positiva dos referenciais afro-brasileiros e africanos, entretanto, ao que é produzido é possível encontrar equívocos, cabe aos educadores levantar questionamentos.

A história e a cultura africana dizem respeito a toda a humanidade e não somente aos descendentes africanos, a população brasileira, como um todo, precisa ter este conhecimento. Nossa sociedade precisa rever seus princípios, somente com base nos conhecimentos adquiridos, poderemos repensar e reconstruir esta sociedade que está tão profundamente imersa em ideais capitalistas, temos carência de valores mais humanos, de aplicar o conhecimento adquirido em questões sociais que valorizem e dignifiquem o ser

humano. Quando encontramos algum texto, na maioria das vezes, os africanos e afrodescendentes são retratados apenas com contribuições à culinária, ao samba e à capoeira, omitindo assim a diversidade dos povos africanos e suas heranças para a nossa cultura, como por exemplo, o conhecimento que os povos africanos detinham em relação à arquitetura, navegação, medicina, ciência, filosofia, matemática, geometria, agricultura, utilização do ferro, entre outros (SILVA; MARTINS, 2012, p.04).

Gomes (2008) aborda a causa da distância da cultura afro-brasileira na escola, afirmando que:

a ignorância tem sido ao longo da história da humanidade um campo fértil para a propagação de preconceitos. Dessa forma, a ignorância sobre a África e sua trajetória de ação, de luta, resistência, efervescência cultural e política da comunidade negra brasileira tem sido empecilhos para a construção de uma educação antirracista e que caminha na perspectiva da diversidade (GOMES, 2008, p. 154).

Pensando assim, entendemos que o homem se constitui praticante da linguagem em movimento, produzindo um sujeito articulador historicamente, ideologicamente e politicamente. A linguagem é a mediadora entre o homem e a realidade natural e social, e torna possível a transformação da realidade em que vive. Podemos dizer que da linguagem banhada de ideologia nasce as relações de poder.

Importante destacar que não há discurso sem sujeito, assim como não há sujeito sem ideologia. No discurso temos o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por e para os sujeitos. Para Orlandi (2002, p.15), “[...] a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”.

A nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, fomentadas pelo imaginário, são relações de força, sustentadas no poder de diferentes lugares ocupados pelos sujeitos no seu discurso (se o sujeito fala a partir de um determinado lugar, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar de seus ouvintes). Servindo a linguagem para comunicar e para não comunicar, o discurso torna-se o efeito múltiplo e variado de sentidos entre os sujeitos e as suas relações. Quando analisamos um discurso, somos colocados em estado de reflexão, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, nos é

permitido ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem.

No discurso, os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas. Elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas representam as formações ideológicas, determinando assim ideologicamente os sentidos. Desse modo, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido.

Para Orlandi (2002), não há uma verdade oculta atrás do texto. O que há, são gestos de interpretação que o constituem e que o leitor, deve ser capaz de compreender. Quando interpretamos já estamos presos a um sentido. A compreensão procura a explicação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem.

Quando temos a posse do texto, escrito ou ilustrado, somos instantaneamente cometidos a interpretar. Numa análise do discurso não se menospreza a força que a imagem tem na constituição do dizer. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem e produz imagens dos sujeitos. Há uma troca de significados do ponto de vista do sujeito produtor do discurso e do sujeito interlocutor. O jogo imaginário de quem fala ou ouve preside a troca de palavras. A imagem que cada um faz do discurso do outro e do seu mesmo.

Como afirma Orlandi (2002), as identidades dos sujeitos perante o discurso determinam a posição ocupadas por eles nesse jogo de significação onde as palavras que são parte do discurso, falam com outras palavras e recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações. A imagem, ideologicamente falando, cola as palavras com as coisas.

O sujeito é construído com relações estabelecidas com outros sujeitos. O processo de subjetivação só pode ser entendido dentro da sociedade, quando o indivíduo se confronta com os valores e as instituições sociais, dando significação a vida do ser humano, nos constituindo como sujeitos e agentes sociais. Por isso, a importância da presença do negro na literatura infanto-juvenil, fugindo de estereótipos presentes na literatura tida como convencional ou clássica, onde o negro poucas vezes esteve em situação de destaque. Sempre fora representado como coadjuvante ou pertencente a uma classe submissa. É claro que temos que

respeitar a época e costumes em que os autores estavam inseridos, mas ao levarmos um clássico para sala de aula, podemos fazer a desmistificação do contexto da obra, como por exemplo, em Monteiro Lobato que cita a tia Nastácia como a “preta de estimação”.

Sabemos que desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido. No caso da literatura, essa produção sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro. Se pararmos para recordar de nossa infância, dos livros clássicos da literatura infantil, qual deles traz uma princesa ou príncipe negro? Como será que a criança afrodescendente pode visualizar em seu imaginário a representação de sua etnia, apenas com pessoas brancas?

O imaginário na literatura é um dos fatores construtores da personalidade das crianças, pois esse imaginário apela para modelos sociais fazendo com que a criança descubra-se em relação ao outro, elaborando o seu ideal de Eu, tendo por base as pessoas do seu convívio.

Vê-se, no futuro, no que poderia ser em comparação com os adultos que a rodeiam. A criança toma consciência do que é possível, mede a diferença entre imaginário e real. As imagens aparentes (impressões) que os outros passam servem de pontos de referência para procurar o sentido de uma mutação de si próprios e para se transformar (POSTIC, 1992, p. 22).

A literatura sempre esteve entrelaçada à sociedade, tornando-se um instrumento poderoso ao formatar o imaginário por meio de sua linguagem, simbolizando identidades, sentimentos, costumes da época em que estão inseridos seus autores, e muitas obras acabam estereotipando a imagem da pessoa negra e desmerecendo sua etnia e cultura.

Como somos sujeitos históricos e sociais, a literatura nos proporciona o contato com autores diversos inseridos em determinada sociedade, entrando em contato com valores históricos sociais, construídos ideologicamente através do qual o sujeito marca sua presença na coletividade em que vive. Assim, o sujeito passa a adquirir e interagir com novas ideias e formas diferentes de conceber o mundo, compreendendo melhor o presente e seu papel como sujeito histórico.

Os textos literários trazem em seu corpo a materialização da ideologia presente em sua linguagem e as relações simbólicas de poder do discurso. E o imaginário se constitui na materialização de sentidos do sujeito, aumentando a capacidade de compreensão do discurso. Sendo assim, justifica-se a escolha de se trabalhar com a literatura nesse projeto de intervenção pedagógica na escola, uma vez que por meio dela é possível contribuir para a formação do indivíduo e ampliar o conhecimento histórico e cultural de um povo.

2. A cultura afro-brasileira por meio da literatura infantil na sala de aula

Este artigo decorre da implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. As ações implementadas foram realizadas com os alunos do 6º ano da escola participante desse estudo. As mesmas foram sistematizadas a partir da temática proposta tendo a literatura infanto-juvenil, como suporte para o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira, e desenvolvidas no retorno da Professora PDE, no terceiro e quarto período do programa em 2017.

Destaca-se aqui a contribuição dos cursistas do Grupo de Trabalho em Rede (GTR), que tem como objetivo a socialização dos projetos elaborados pelos professores PDE. Os cursistas demonstraram muito interesse na temática abordada, participando de todas as atividades propostas. Os professores cursistas avaliaram o material apresentado como viável à ser trabalhado em sala de aula, podendo ser implementado nas escolas.

Os livros de literatura escolhidos para serem trabalhados no projeto de intervenção pedagógica contemplam personagens com valores e características positivas como a dignidade, a beleza, a honestidade, etc.... São eles “Luana: as sementes de Zumbi” e “Luana: A menina que viu o Brasil neném”, que tem como protagonista uma menina de oito anos, capoeirista e descendente de quilombolas, que em suas viagens com seu berimbau mágico leva o leitor a conhecer a cultura e história de seu povo. A protagonista foge aos estereótipos comuns encontrados em personagens negros, em que são muitas vezes negativados, ela é alegre, usa o cabelo trançado com miçangas coloridas e muito positiva.

As atividades trabalhadas tiveram por objetivo a reflexão com os alunos acerca da temática, a partir da leitura e interpretação dos livros sugeridos, exibição de vídeos, músicas, brincadeiras, textos complementares, entre outros. A implementação do projeto ocorreu em sala de aula seguindo as seguintes etapas: 1) Sensibilização dos alunos para o trabalho proposto por meio da apresentação de um vídeo ou uma música sobre a cultura afro-brasileira. Apresentação dos livros “Luana: as sementes de Zumbi” e “Luana: A menina que viu o Brasil neném”; 2) Leitura e análise do livro “Luana: A menina que viu o Brasil neném” por meio de diferentes atividades (exibição de vídeos, músicas, brincadeiras, textos complementares, entre outros); 3) Leitura e análise do livro: “Luana: as sementes de Zumbi” por meio de diferentes atividades (exibição de vídeos, músicas, brincadeiras, textos complementares, entre outros); 4) Diferenciação do que é racismo, preconceito e discriminação, através de imagens em slides, vídeos e músicas que tratem do tema.

O caderno temático foi dividido em uma sequência didática de oito sessões, para serem trabalhadas as etapas previstas no projeto. Dentre os objetivos propostos, pretendeu-se trabalhar com os alunos os conceitos de racismo, preconceito e discriminação, uma vez que o racismo está presente em nossa sociedade e para se ver livre dele temos que tomar uma posição.

Reconhecer as diferenças implica romper com preconceitos, e superar opiniões pré-estabelecidas e a escola é um local de extrema importância para essa ruptura, e a discussão sobre a diversidade cultural precisa estar presente no espaço escolar proporcionando as relações humanas. É muito comum se estabelecer confusão entre racismo, discriminação e preconceito racial.

Mas, o que é preconceito? Preconceito é um julgamento prévio negativo. O preconceito racial indica opinião ou sentimento, quer favorável quer desfavorável, concebido sem exame crítico, ou ainda a atitude, sentimento ou parecer insensato, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio, conduzindo geralmente à intolerância. (TORRES, 2012).

E, discriminação o que é? A discriminação é a conduta propriamente dita. É o ato que expõe o racismo ou o preconceito e atinge outra pessoa. A discriminação racial, por seu turno, expressa a quebra do princípio da igualdade, como distinção, exclusão, restrição ou preferências, motivado por raça, cor, sexo, idade, trabalho, credo religioso ou convicções políticas. (TORRES, 2012).

Já, o termo racismo geralmente expressa o conjunto de teorias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre as raças, entre as etnias, ou ainda uma atitude de hostilidade em relação a determinadas categorias de pessoas. Pode ser classificado como um fenômeno cultural, praticamente inseparável da história humana. (TORRES, 2012).

Com o intuito de conduzir os alunos ao prazeroso universo da literatura e a descoberta para muitos, da cultura afro-brasileira a partir da literatura infantil, foi desenvolvida a leitura coletiva e análise textual dos livros “Luana: A menina que viu o Brasil neném” e “Luana: as sementes de Zumbi”, como partida do desenvolver do projeto. Foi confeccionada uma boneca em E.V.A para ser a mascote da turma, para representar a protagonista dos livros Luana. Os alunos produziram novas propostas de onde o berimbau mágico de Luana poderia levá-la a novas aventuras e descobertas.

Luana em sua viagem com seu berimbau mágico encontra o herói negro Zumbi e conhece o verdadeiro tesouro do quilombo dos palmares. Dessa maneira os alunos entenderam o que talvez fosse e ainda é o maior desejo do povo afro descendente, a liberdade e a disseminação da História da África e da Cultura Afro-brasileira. Na tradição oral os alunos viram a importância dos Griot (contadores de histórias) presentes na cultura africana, para trazer toda a herança de seus ancestrais até os dias de hoje.

As sessões iniciais do projeto foram importantes para nortear a temática da discriminação, preconceito e racismo, a qual está presente em todas as esferas da nossa sociedade, e o espaço escolar não está isento, os alunos tiveram contato com a temática por meio de slides, charges e músicas. Finalizando com a construção do mapa do Brasil miscigenado e diversos cartazes. Dessa maneira, foi possível trabalhar de forma natural e todos entenderam o tão importante é reconhecer e valorizar a história e cultura de um povo que foi e é importante para o Brasil.

A oficina de confecção das bonecas Abayomi foi encantador, todos participaram, com entusiasmo e dedicação. A Abayomi é um símbolo de resistência e também serviam como amuleto de proteção. Atualmente as bonecas Abayomi são feitas com materiais reaproveitados, como retalhos de pano e malhas. Para serem feitas tais bonecas, não se utiliza cola ou costura, ou qualquer tipo de material para suporte, apenas os retalhos superpostos e nós.

Foi importante possibilitar aos discentes envolvidos a perceber a contribuição

da História e Cultura Afro-brasileira para a construção da identidade nacional, e a desconstrução de estereótipos, e a literatura contribuiu para que os alunos pudessem perceber melhor o contexto social e assim modificar sua postura como ser social.

Considerações Finais

O projeto de intervenção, a produção didático-pedagógica, o GTR - Grupo de Trabalho em Rede, e por fim, a implementação pedagógica tiveram por objetivo desenvolver um estudo e práticas pedagógicas com o intuito de viabilizar o trabalho docente com a Lei 10.639 por meio da literatura infantil. Nesse sentido, o projeto possibilitou aos alunos do Ensino Fundamental a leitura de obras da literatura infanto-juvenil que apresentam o negro com seus valores, ensinamentos da cultura e arte, que muitas vezes não são trazidas de forma positiva ao contexto escolar.

A escola deve promover ações pedagógicas que visem à valorização e ao respeito à cultura afro-brasileira. Para isso o ensino de literatura nas escolas deve contemplar a produção de autores afro-brasileiros, considerando a realidade e os conhecimentos dos alunos, ao mesmo tempo em que busca a função social da literatura, que é levar o indivíduo a refletir sobre a realidade na qual está inserido.

Diante da necessidade de reflexão frente às atitudes de preconceito e discriminação racial nos espaços escolares e na sociedade, ao desenvolver o projeto “A Cultura Afro-brasileira e a Literatura infantil no ensino fundamental II”, constatou-se o quanto é necessário o trabalho sistematizado em sala de aula para que haja a valorização da cultura afro-brasileira. Com o desenvolvimento do projeto, no Ensino Fundamental II, foi possível oportunizar aos alunos a leitura e compreensão de obras literárias que proporcionaram momentos para conhecer e valorizar a cultura afro-brasileira, enfatizando a relevância dos negros na construção da identidade nacional do povo brasileiro.

O combate à discriminação, preconceito e ao racismo na escola, devem tomar as mais diferentes formas de valorização do ser humano, indiferente da cor de sua pele ou etnia, ultrapassando as fronteiras da sala de aula, envolvendo sua comunidade e permitindo a todos os envolvidos a conquista da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática.

Referências

BRASIL. **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 21 jul. 2016.

_____. **Lei número 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em jul. 2016.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACEDO, A; FAUSTINO, O. **Luana: as sementes de Zumbi**. São Paulo: FTD, 2007.

_____. **Luana: a menina que descobriu o Brasil neném**. São Paulo, 2000.

MUNANGA, K. Por que ensinar a história do negro na escola brasileira? In: **Revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos da UEL NEAA – NGUZU**, Londrina, nº1, p.62-67, mar/jul. 2011.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso** (Princípios e Procedimentos) [S.l.]. 4.ed. Pontes, 2002.

PARANÁ. DELIBERAÇÃO CEE/PR n.º 04/06, **Conselho Estadual de Educação**, de 2 de agosto de 2006. Normas Complementares às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: < <http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/deliberacoes/deliberacao042006.PDF>>. Acesso em: 21 de jul. de 2016.

POSTIC, M. **O imaginário na relação pedagógica**. Tradução. Mário José Ferreira Pinto. Rio Tinto: Asa, 1992.

SILVA, E. de S; MARTINS, I. C. **Literatura infantil, História e diálogos interculturais: A Cultura Afro-brasileira**. PDE, 2012.

TORRES, A. **Filosofia, Educação e Política**. Disponível em: <http://alexandre-torres.blogspot.com.br/2012/11/racismo-preconceito-e-discriminacao.html>. Acesso em: 07 de dez. 2016.